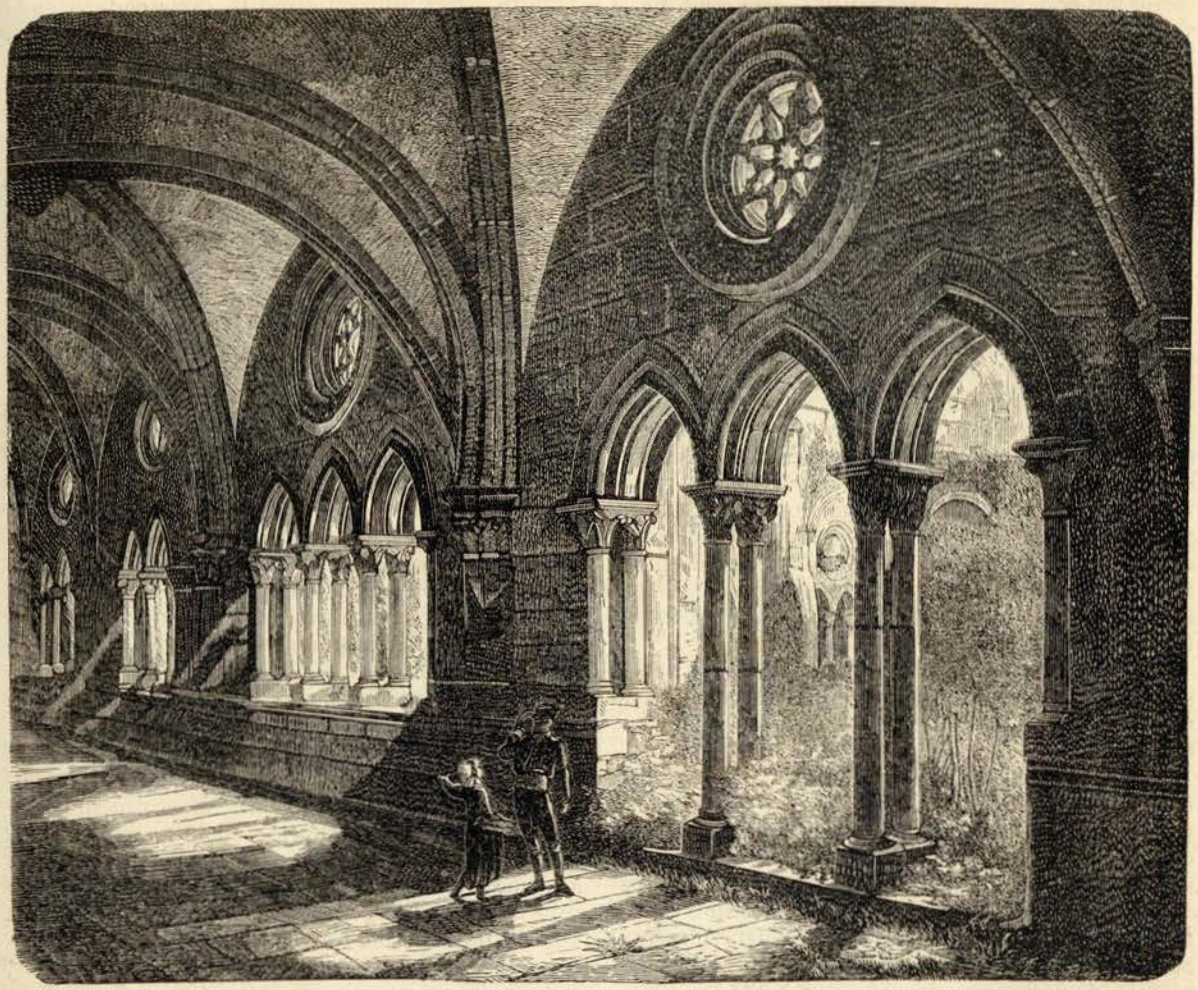


Claustro do Silencio, no mosteiro de Alcobaça

CLAUSTRO DO SILENCIO, NO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA

AS ARTES NO REINADO DE D. DINIZ

O vastissimo e sumptuoso mosteiro com que o augusto fundador da monarchia commemorou uma das maiores façanhas do valor portuguez, a tomada de Santarem aos moiros, é um verdadeiro museu da architectura e esculptura nacionaes.

No vol. VI do *Archivo*, em que tratámos com alguma mindeza d'este importante monumento historico e artistico, mostrámos como n'elle estão representadas as principaes phases por que passaram n'este paiz aquelles dois ramos da arte desde o seculo XII, em que el-rei D. Affonso Henriques lançou a pedra fundamental nos alicerces da egreja, até ao seculo XVIII, em que os monges de S. Bernardo, que habitavam o mosteiro, pozeram o remate aos ultimos trabalhos architectonicos que alhi se executaram.

Quasi todos os nossos reis alli deixaram escriptos os seus nomes em alguma obra com que accrescentaram o mosteiro, que já nascêra grande. E assim foi que se reuniram no mesmo edificio specimens de todos os estilos de architectura que dominaram em Portugal durante aquelle longo periodo de seis seculos.

Entre esses diversos specimens ha um muito interessante para o estudo da historia da arte, mais interessante, talvez, que todos os outros, não só porque se ostenta em uma fabrica no seu estado completo e primitivo, mas tambem, e principalmente, porque diz respeito a uma epocha importante para as artes n'este paiz, e porque, infelizmente, d'ella poucos monumentos nos restam, e d'esses poucos bem raros os que não estão desfigurados pelos cataclismos da natureza, ou pela incuria ou barbaridade dos homens.

Alludimos ao claustro chamado do *Silencio*, construcção ordenada por el-rei D. Diniz no seculo XIII.

Foi n'este reinado que os portuguezes, repoisados d'essa lucta sem trégoas, travada entre o islamismo e os campeões da cruz, começaram a gozar as delicias da paz. Foi, portanto, sob o governo illustrado e patriotico de D. Diniz que teve principio a regeneração da industria e das artes, que tanto tinham medrado e florido durante o dominio dos romanos, e que em tão deploravel estado de decadencia foram lançadas pela invasão dos povos septentrionaes, e mais tarde pela dos arabes.

Deixando de considerar, por alheias ao nosso assumpto, as providencias com que o sabio rei deu impulso á agricultura, ao commercio e á navegação, restringiremos as nossas observações ao desenvolvimento que tiveram as artes.

Já por vezes temos historiado n'este semanario como na infancia da monarchia a rudeza dos costumes, os habitos duros da guerra e a singeleza do viver se retratavam nas artes como em espelho.

Em parte alguma do mundo se empunhavam as armas com mais valentia e desassombro que n'esta boa terra de Portugal. Em parte alguma se manejava a espada ou se brandia a lança com mais esforço e destreza, e se arremettia contra o inimigo com maior ardor e coragem. Porém este povo aguerrido desde-

nhava empunhar o cinzel ou a esquadria. Assim se viram obrigados os nossos primeiros reis, quando queriam construir algum edificio mais grandioso, a recorrer aos architectos e mais artistas sarracenos, umas vezes attrahindo-os com promessas de avultados salarios, outras vezes servindo-se dos que a sorte das armas fazia seus prisioneiros.

Escusado sería aqui lembrar aos nossos leitores que as artes floreciam então brilhantemente entre os moiros da Andaluzia, e que d'aquelle grande resplendor chegavam alguns raios, embora frouxos, aos agarenos que viviam nas terras de que o valor dos nossos antepassados fez o reino de Portugal.

Depois que el-rei D. Affonso III expulsou os infieis para além das praias do Algarve, começaram os nossos a cultivar as artes. Ou fosse porque a eschola prática, creada na construcção de diversos mosteiros de fundação real, tivesse produzido alguns discipulos habeis; ou porque os artistas sarracenos buscassem refugio nos paizes onde viam ainda triumphante o crescente musulmano, e a necessidade servisse de estimulo aos portuguezes; ou, em fim, porque as artes naturalmente se desenvolvam e vigorem no regaço da paz; e, provavelmente, pelo effeito simultaneo de todas estas circunstancias, o acabamento d'aquella lucta encarniçada, em que andou empenhada a nação durante cinco reinados, trouxe a apparição de architectos e esculptores nacionaes.

É esta a primeira razão da importancia que devem ter para o estudo da historia das artes em Portugal as obras do tempo del-rei D. Diniz, pois que foi então que assumiram um caracter verdadeiramente nacional.

Consiste a segunda razão em ter sido tambem n'esta mesma epocha que se completou entre nós a transição do estilo normando ou bysantino para o gothico ou ogival. Este ultimo principiou a introduzir-se, como já temos referido n'outras occasiões, sob o governo de D. Affonso Henriques, ou talvez um pouco antes. Porém até ao fim do reinado de D. Affonso III raros edificios se construiram que não mostrassem, na reunião de caracteres de differentes estilos de architectura, aquella certa anarchia que é a consequencia natural das transições, e que no presente caso tambem era determinada pela imaginação phantasiosa dos architectos arabes, pouco proprios, sem dúvida, para darem um pensamento de unidade á architectura dos templos christãos.

Foi el-rei D. Diniz um dos nossos soberanos que maior numero de edificios levantaram por todo o reino. Nenhum outro fundou tantos castellos; de que resultou aperfeiçoar-se este genero de construcção, tomando a architectura militar uma certa feição caracteristica, que a differençava da que fôra usada pelos moiros e que servíra de norma até então.

Os palacios, templos, mosteiros, e outros edificios religiosos que erigiu, patenteiam notavel progresso na arte de construir, se compararmos o que d'elles nos resta com as reliquias de outras fabricas dos reinados antecedentes.

O paço chamado *das Alcaçovas*, que fundou para sua residencia dentro do castello de Lisboa, delineado por artista portuguez, foi o primeiro palacio de architectura nobre e regular que teve esta capital e todo o reino. Possuimos uma gravura muito antiga que mostra a sua fachada principal. Era muito superior a todos os respeitos ao *paço de S. Bartholomeu*, edificado por el-rei D. Affonso III, proximo da muralha do mesmo castello, mas da parte de fóra para o lado do sul.

Os *paços do castello de Leiria*, fundação do mesmo soberano, ainda mostram nas suas venerandas ruinas que possuiram alguma riqueza de ornamentação, que denuncia mais apuro na arte e no gosto. Os *paços do castello de Estremoz*, edificados na mesma epocha, lá estão de pé para darem testimunho da solidez da construcção, embora não conservem, como aquelles, a pureza das primeiras feições.

Outros paços edificou el-rei D. Diniz para vivenda de campo em Friellas e em Odivellas. Do primeiro não restam vestigios; e o segundo foi por elle proprio demolido para fundar no mesmo logar o mosteiro de *S. Diniz*, de freiras da ordem de S. Bernardo [1]. D'este mosteiro apenas se poderá ajuizar por algumas partes do templo que os terremotos e as reconstrucções pouparam, mas que não são, infelizmente, as que deviam dar idéa mais cabal da fórma e magnificencia do monumento.

Portanto, a unica fabrica d'esse tempo que actualmente existe em estado completo, de construcção grandiosa e sem alteração alguma nas suas feições primitivas, é o *claustro do Silencio* no mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. Antes, porém, de lhe dedicarmos algumas linhas, concluiremos, ainda que em rapido e mal delineado esboço, o quadro que começámos a traçar no intuito, simplesmente, de fazer avultar a importancia da epocha del-rei D. Diniz para o estudo da historia das artes em Portugal.

A architectura foi o ramo da arte que mais floreceu n'aquelle periodo. Todavia, não ficaram descuradas a esculptura e a pintura.

Do estado da esculptura falla-nos o tumulo do proprio rei D. Diniz, que está em uma casa contigua á egreja do mosteiro de Odivellas [2]. Tanto a estatua d'este soberano como as outras esculpturas que adornam o mausoléo estão muito distantes da perfeição. Porém, se as compararmos ás que se vêem nos tumulos de Egas Moniz, na egreja de Paço de Sousa; dos reis D. Affonso II e D. Affonso III, no templo de Alcobaça; e de varios fidalgos, na galilé da egreja do antiquissimo mosteiro de Pombeiro; se as pozermos em comparação com as esculpturas d'esses e de outros muitos sepulchros de tempo anterior a el-rei D. Diniz, e com os relêvos d'essas mesmas epochas, que ainda se conservam em alguns templos, cruzeiros e outros edificios antigos, reconhecer-se-ha que este ramo da arte fez assignalados progressos sob o sceptro do monarcha a quem deram o honroso epitheto de *lavrador*.

Quanto á pintura, achava-se no mais deploravel atrazo, em um estado de verdadeira barbaridade, quando D. Affonso III legou o throno a seu filho. El-rei D. Diniz não creou uma eschola de pintura, nem n'esses tempos se pensava n'isso em qualquer das cortes da Europa, apesar de alguns esforços que já então se faziam na cidade de Florença. Tambem não se poderá dizer que lançasse os fundamentos d'ella. Mas é certo que animou e protegeu essa arte, dando-lhe emprego e honrando-a; no primeiro caso, pelos paineis que mandou fazer para algumas egrejas, e raras então os possuiam, e por certas obras que ordenou para adorno dos seus *paços das Alcaçovas;* no segundo caso, fazendo-se retratar e a sua esposa, a rainha Santa Isabel. Foi o primeiro dos nossos monarchas que teve esta idéa, cujo exemplo seguiu seu filho, el-rei D. Affonso IV, que não sómente se fez retratar, mas tambem mandou fazer os retratos dos reis seus predecessores. Esta preciosa collecção, preciosa, certamente, não obstante a imperfeição do trabalho, decorava as salas do paço das Alcaçovas. Durante a usurpação de Castella foram levados estes quadros para Hespanha.

Voltando agora ao assumpto que nos suggeriu estas considerações, diremos que a gravura que precede este artigo abona tudo quanto expendemos ácerca do desenvolvimento e progressos que teve a architectura no reinado de D. Diniz.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

[1] Vid. pag. 322 do vol. VI.
[2] Vid. pag. 77 do vol V.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 29)

III

ONDE A PRINCEZA DO BRASIL ANDA Á CAÇA DAS LEBRES, EL-REI DAS CONDESSAS, O CONDE DA ERICEIRA DOS CONCEITOS E UM PAGEM DOS SEGREDOS

Findaram as festas esplendidas que haviam levado ao Caia quasi toda a população das duas provincias limitrophes. Recaíu na sua habitual tristeza a arida planicie por onde corre o affluente do Guadiana. Desfez-se a ponte sumptuosa, desappareceu o magnifico palacio, que se construíra como ao toque da varinha de uma fada, e que se esvaíra de subito, obedecendo egualmente a esse magico poder. A infanta portugueza, agora princeza das Asturias, lá vae já, em companhia da sua nova familia, visitar as terras encantadas da Andaluzia; a maravilhosa Sevilha; a esplendida Cordova; Granada, a formosa filha dos arabes, a cidade das flores e das serenatas. A comitiva del-rei D. João V já vae tambem caminho de Lisboa; sem se apressar muito, mas demorando-se para receber as homenagens dos fieis vassallos de sua magestade, e para divertir as duas crianças, que já são esposos, com todos os entretenimentos que a estrada lhes proporciona.

Vamos-lhe nós no encalço; ainda que não acompanhemos a marcha ligeira dos possantes urcos que tiram a berlinda de suas magestades, encontraremos a comitiva em Villa Viçosa, onde se demora dois dias por causa de um ligeiro incommodo da princeza do Brasil, incommodo que não obstou a que se preparasse uma caçada para a segunda manhã que suas magestades passavam na terra onde por tantos annos residiram os duques de Bragança.

Era uma verdadeira alvorada de janeiro, fria e nebulosa; a cacimba da noite humedecia o solo da tapada de Villa Viçosa; um triste véo invernal encobria o ceo e entristecia o alvorecer. Não impediu isso que apenas raiou a estrella d'alva, luzindo timidamente por entre as nuvens, houvesse logo muita agitação nos pateos do antigo paço de Villa Viçosa. O ladrar da matilha de sabujos e cães de trela, que os moços do monte, armados com as suas choupas, seguravam com cordões de seda branca e verde, presos em colleiras de oiro com fivellas de prata, em que estavam esculpidas as armas reaes; o alegre resoar das trombetas de caça, pozeram logo em alvoroço todo o paço. D'ahi a pouco appareceu el-rei á porta, dando a mão com toda a galanteria á princeza do Brasil, que vestia um lindo fato de amazona; seguiam-n'o o principe e os infantes, e a chusma de cortezãos, que acompanhavam a caçada sem espingardas para mostrarem que iam só para fazer honra a suas magestades e altezas. Algumas damas, vestidas tambem á amazona, acompanhavam a princeza, e entre ellas brilhava, pela sua formosura sem rival, a condessa de San-Pablo, que o nosso pagemzito seguia com olhar ardente.

Fariamos uma grave injustiça aos nossos leitores se suppozessemos que elles não adivinharam já as diabruras de pagem que D. Luiz de Mello praticára durante a jornada, para que a condessa de San-Pablo não ignorasse o amor que lhe inspirára. O fino ginete andaluz, presente do duque de Cadaval, que lhe era muito affeiçoado, sentíra uma grande mudança no tratamento que recebia do seu cavalleiro desde que os bellos olhos da gentil hespanhola haviam produzido tanta impressão no espirito facilmente inflammavel do moço gentil-homem. Sempre que a etiqueta o permittia, D. Luiz de Mello esporeava o ginete, e ia mostrar, cavalgando ao lado da berlinda das damas de honor, a sua pericia na equitação, com que muito se ufanava o intrépido Braz Mattoso, que fôra seu mestre. A condessa ás vezes sorria-se das travessuras do pagemzito, e não deixava de reparar na belleza, verdadeiramente notavel, do portuguez, que Beaumarchais, se o conhecesse, tomaria para modêlo do Cherubim das suas *Bodas de Figaro*. Mas tambem, como a condessa de Almaviva, a condessa de San-Pablo entregava-se á doce magia do sentimento agradavel que a imagem galante do pagem do duque de Cadaval lhe despertava, sem pensar nem por um instante a serio que podia acceitar esse amor de criança. Ainda que assim não fosse, a condessa de San-Pablo era uma senhora que sabia cumprir os seus deveres conjugaes com mais escrupulo talvez do que a ambição do seu astucioso marido desejaria, e se acolhia as galanterias do pagem com um doce sorriso, em vez de as acolher com a seriedade quasi glacial com que recebia as inequivocas provas de affecto que D. João V lhe prodigalisava, era, como dissemos, porque as não podia considerar perigosas.

D. Luiz é que o não entendia assim. A sua imaginação de dezoito annos phantasiava, confiada n'esse meigo sorriso, as mais deslumbrantes aventuras. Não sei que indizivel attracção leva estes principiantes de amor a procurarem de preferencia, para lhes lançarem no regaço as primeiras flores da sua namorada coroa, as mulheres que, sem estarem ainda no outono da existencia, já passaram para além da primavera. Estas abelhinhas estonteadas desprezam o gentil botão que as namora, e vão poisar na rosa esplendida, toda desabrochada, que nem repara n'ellas. D. Luiz não se eximia á regra geral.

As buzinas dos trombeteiros entoaram as suas alegres fanfarras quando D. João V assomou á porta, como dissemos, acompanhando a princeza do Brasil. Animados por essa musica festiva, os cavallos fitaram a orelha e relincharam jucundamente. Os monteiros e os moços do monte soltaram vivas a el-rei; redobrou o ladrido dos cães impacientes, e estes sons confusos formaram um alegre concerto, que pareceu desenrugar até a austera frontaria do velho paço.

Finalmente, o monteiro-mór, Fernão Telles da Silva, depois de se inclinar para receber as ordens del-rei, deu o signal da partida. D'ahi a poucos instantes entrava a brilhante comitiva dos caçadores na magnifica tapada de Villa Viçosa.

Ia aclarando o ceo, sem comtudo se poder o sol desembuçar do manto de nuvens que o cercava; a *matutina luz serena e fria*, segundo a bellissima phrase de Camões, afugentava as sombras da espessura da floresta. Comtudo, a sensação do frio, apesar de ser aspera, não era de todo desagradavel; a brisa das madrugadas de inverno parece que nos enrija os membros e que até revigorisa a alma. Os cortezãos que seguiam D. João V experimentavam isso mesmo, e, aspirando a plenos pulmões a aragem, sentiam coarse-lhes nas veias vida nova, mais livre, mais desconstrangida do que a sua vida habitual passada nas ante-camaras dos paços. Insensivelmente foram-se todos libertando dos grilhões da etiqueta; formaram-se grupos ao acaso, e a palestra, opprimida pela presença das pessoas reaes, relampagueou com vivacidade, apenas as peripécias da caçada a desafogaram.

Os gritos dos couteiros que batiam o matto; os ladridos dos cães que perseguiam a caça; o alegre som das buzinas que umas ás outras se respondiam de differentes sitios da matta, as risadas dos cortezãos, que o echo zombeteiro repetia, enchiam de alegre matinada as solidões habitualmente silenciosas d'esses bosques. Os passaros, que, mal espertos, não ousavam erguer a voz em quanto o sol não despontasse, desafiados por esse ruido subito, deitavam as cabecinhas de fóra dos seus palacios de folhagem e desentranhavam-se em gorgeios harmoniosos, ou fugiam em bandos quando o som aterrador de algum tiro de

espingarda sobresaltava os echos. De vez em quando sentia-se uma bulha de ramos séccos despedaçados, e um gamo, louco de medo, atravessava a clareira, na fuga vertiginosa, saudado pelos risos dos cortezãos desarmados, que não podiam interceptar-lhe a retirada. Outras vezes era uma lebre, que procurava insinuar-se por entre os pés dos fidalgos que, pela maior parte se tinham apeado, e que tentavam perseguil-a com as bengalas. Os cavalleiros passavam a galope nas alamedas, sacudindo dos ramos das arvores uma chuva de perolas de orvalho. Em fim, era uma scena deliciosa, digna de ser esboçada pelo pincel de Walter Scott.

E, se o fosse, não faltaria uma Diana Vernon ao romancista escocez. A condessa de San-Pablo, galopando no seu brioso corcel, ao lado da princeza do Brasil, que, toda alegre com esse divertimento, batia as palmas quando os principes matavam algum veado; ou que, pegando tambem na sua espingardinha, atirava ás lebres, acertando ás vezes com grande applauso dos cortezãos; a condessa de San-Pablo, pois, com o seu elegante fato de amazona, as suas formosas tranças negras, as faces afogueadas pela corrida, nada ficava devendo á original heroina do *Rob Roy*.

Em torno d'ella formára-se um grupo de cortezãos, attrahidos tanto pela sua formosura como pelo manifesto valimento que estava tendo com sua magestade. A gente da corte presente com rara sagacidade o alvorecer de um novo astro, e prepara-se para o adorar de fórma que, apenas elle despontar, logo os encontre de joelhos.

Entre esses cortezãos distinguia-se o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes (o auctor da *Henriqueida*, traductor e correspondente de Boileau); Alexandre de Gusmão, celebre já pelas suas habeis negociações de Roma, mas ainda muito moço, e a quem, provavelmente, attrahia mais a belleza da hespanhola que a probabilidade do seu valimento; e finalmente, Caetano José da Silva Souto-Mayor, o *Camões do Rocio*, velho ainda verde [1], a quem os annos não tinham feito perder as suas tradições de galanteria.

Acabára a princeza do Brasil de matar uma lebre, e applaudiam os cortezãos a sua destreza, quando D. João v, aproximando-se da condessa, lhe disse, offerecendo-lhe uma espingarda:

— Não quer imitar o exemplo de sua augusta ama, condessa?

— Desculpe-me vossa magestade, tornou a hespanhola toda risonha; as pessoas que Deus destina para o throno são isentas das fraquezas da humanidade. O que sua alteza pratica tão destemidamente não o posso praticar eu, simples mulher, que participo da inhabilidade geral do meu sexo para estes exercicios.

— Diga antes, acudiu D. João v em voz baixa, que não quer empregar nos animaes dos bosques os tiros que os seus olhos sabem vibrar aos corações.

A condessa balbuciou, enleiada, algumas palavras inintelligiveis; felizmente acudiu-lhe o Camões do Rocio, dizendo no estilo alambicado e conceituoso de que elle era um dos mais eximios cultores:

— Parece-me que percebo a repugnancia da senhora condessa. Ella, que transforma o ar em ceo aereo com a melodia da sua voz, não quer depois turbar esse mesmo ceo com o som brutal das espingardas.

— Contesto, acudiu o conde da Ericeira, devia a senhora condessa ferir o ar para castigal-o da ousadia de divulgar accentos egualmente divinos e sonoros.

— Torna-se intricada a questão, acudiu el-rei, e parece-me que será um ponto digno das attenções da academia problematica de Setubal [1]. O que diz a este respeito o nosso Alexandre de Gusmão?

— Meu senhor, respondeu o moço brasileiro, não tenho voto na materia; não sou poeta, real senhor; como haviam as musas de acolher favoravelmente quem, passando as noites sobre o *Tratado analytico* do desembargador Manuel Rodrigues Leitão, não póde dispor de um só instante para frequentar o Pindo [2]?

— E, apesar d'isso, dispõe, exclamou o conde da Ericeira. «Não fazem damno as musas aos doutores», dizia o conceituoso Antonio Ferreira. Cuida que não sabemos que o sr. embaixador em Roma foi tambem plenipotenciario nas cortes de Apollo, que teve por conductor Theocrito, e que apresentou as suas credenciaes, que rezam assim:

> Pastora a mais cruel e deshumana,
> Que fazes de matar-me alarde e gosto,
> Como é possivel que tão lindo rosto
> Unisse o ceo a uma alma tão tyranna! [3]

— Estás apanhado, Alexandre de Gusmão, tornou rindo el-rei; e como és réo quasi de lesa-magestade, por teres segredos para com o teu soberano, vou entregar-te já ao nosso juiz do crime [4] Souto Mayor, se te não salvas, dando o teu parecer no caso proposto.

— Real senhor, em que transes me põe vossa magestade! redarguiu Alexandre de Gusmão; o que hei de eu dizer que mereça ser ouvido depois do elegante conceito do sr. conde da Ericeira, honra do Parnaso portuguez? Mas, como é proprio das divindades aceitarem com a mesma boa sombra o incenso dos magnates e o mesquinho tributo dos mais rudes pastores, direi que ficam bem os exercicios venatorios á formosa deidade, em quem descubro os attributos e a casta gentileza de Diana.

— Rendo-me, tornou o conde da Ericeira; porque o poetico dito do sr. Alexandre de Gusmão me explica as sombras d'esta madrugada, que, apesar d'isso, não entristecem a natureza; está Diana ao lado de Apollo, por isso os raios do deus deslumbrante nos illuminam sem nos offuscarem.

El-rei sorriu-se complacentemente do lisongeiro madrigal do conde da Ericeira; os fidalgos applaudiram o dito, e a condessa de San-Pablo ia para agradecer a parte que lhe competia no elogio, quando o sol, como para desmentir o cortezão, afastou as nuvens que o rodeavam, e, surgindo no oriente, illuminou com os seus vividos raios a clareira onde se passava esta scena, matizando de oiro a verde folhagem das arvores, semeando de aureas palhetas as negras tranças da condessa, e dando um grande realce ás variegadas côres do trajo dos cortezãos.

— Bem vês, conde, exclamou el-rei, que te é ingrato o Apollo, de quem és, dizem, o mais amado filho. Sois vós outros poetas uns phantasiadores de doi-

[1] Seria velho? É certo que morreu passados dez annos; devemos suppor que teria, pelo menos, a edade de D. João v. As necessidades do enredo obrigaram-me a accrescentar-lhe mais algumas cãs; estas pequenas liberdades são permittidas ao romancista, sobre tudo quando o romancista as confessa.

[1] Uma das innumeraveis academias do tempo, onde os socios eram obrigados a discutir os mais frivolos assumptos, e a disputar primazias na mais alambicada eloquencia. A academia problematica de Setubal tinha nos seus estatutos a obrigação de propor, em cada sessão, a dois socios, problemas que cada um d'elles resolvia de modo differente, defendendo as suas soluções em longos e pedantescos discursos. Um dos problemas foi o seguinte: «Qual fizera mais, se Alexandre em conquistar o mundo, se Diogenes em desprezal-o?» Veja-se, para mais ampla informação, o *Gabinete Historico*, de fr. Claudio da Conceição, tomo VII, não tendo, já se vê, o leitor paciencia de recorrer ás fontes genuinas.

[2] Andava n'esse tempo o nosso habil diplomata estudando a questão do padroado regio de todos os bispados do reino, padroado que a corte de Roma não queria admittir. Sobre isso versava o *Tratado analytico* a que nos referimos no texto. D. João v duvidára que o juvenil brasileiro podesse encontrar razões mais fortes do que as que Manuel Rodrigues Leitão allegava. Alexandre de Gusmão entregou-se ao trabalho, e compoz uma optima dissertação, que foi muito approvada e applaudida por todos os sabichões da corte. Veja-se a exposição dos seus serviços, feita por Alexandre de Gusmão a el-rei, documento curioso publicado no vol. IV do *Panorama*.

[3] É a primeira quadra de uma ecloga de Alexandre de Gusmão.

[4] Ainda n'essa epocha era Caetano José da Silva Souto-Mayor juiz do crime do bairro da Mouraria. O muito valimento, porém, que os seus bons ditos lhe tinham grangeado, fazia com que, apesar das obrigações do seu cargo, acompanhasse frequentemente a corte nas viagens de recreio que D. João v emprehendia.

radas mentiras, que, de accordo com o deus da lyra, enlevaes o mundo que elle illumina. Mas d'esta vez não quiz Phebo ser teu complice.

— Meu senhor, acudiu de prompto o conde da Ericeira, como se espanta vossa magestade de que no ceo outro sol desponte, quando ha pouco vimos no Caia uma conjuncção de tantos, entre os quaes brilhava com mais vivo fulgor o Phebo portuguez, quando agora mesmo n'um rosto, que á propria Venus causaria inveja, vemos brilhar dois soes, cujos esplendores gemeos nos deslumbrariam se ousassemos fital-os? E n'isto vejo eu ainda a providencia da natureza, porque, se não fossem os frios em que se tem desatado janeiro, de certo a conflagração de tantos soes atearia no globo universal incendio.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

RATOS DAS SEARAS

D'entre as numerosas especies que compõe o genero dos *roedores*, a dos *ratos das searas* é uma das mais notaveis pela pequenez dos individuos, por certa elegancia de fórmas e pela sua extrema ligeireza.



Ratos das searas

Designa-o a linguagem scientifica sob diversos nomes: *mus messorius*, segundo o naturalista Shaw; *mus pendulinus*, conforme o denominou Hermann; e *mus minutus*, com que o nomeia Pallas.

Este ratinho é um pacifico habitante dos campos, como o indica o seu nome. Procura os logares fragosos para fazer a sua residencia permanente em profundos buracos debaixo das rochas, de maneira que o não incommodem as chuvas nem as humidades do inverno. Em razão de não ser providente como a formiga, vê-se obrigado a alimentar-se de algumas raizes mais do seu gosto durante toda a estação invernosa, e ainda uma parte da primavera. Porém, apenas as searas começam a loirejar, abandona a habitação subterranea, e vae estabelecer uma vivenda que se baloiça á mercê das brisas, e que as mesmas brisas parece encarregarem-se de abastecer de provisões.

Chegado, pois, esse tempo suspirado, ahi vae o ratinho com a sua companheira por esses campos fóra em demanda de uma seara bem viçosa e forte, e no centro d'ella, em algum logar onde as espigas estão mais bastas, ahi se fixa o casal para fabricar a sua casa de verão. Escolhe então as mais grossas e vigorosas hasteas, e, trepando por ellas, com as proprias folhas, e tambem munido de febras de palhas e juncos, une-as, liga-as, e começa a tecer um encanas-

trado similhante a um cestinho, e de fórma espherica, bem tecido e coberto por todos os lados, excepto por um, onde deixa uma abertura circular, quanto basta para entrar e sair por ella á vontade. Forrado interiormente de musgos, ou de quaesquer gramineas, e de outras plantas mimosas e sêccas, fica a obra completa; e eis-ahi a sua morada e o ninho para seus filhos, até que, maduras as messes, vem a foice colhêl-as, lançando por terra o ninho, já desamparado dos seus habitantes, que ao primeiro bulicio dos cegadores despedem-se saudosos d'aquelle éden, collocado entre o ceo e a terra, e lá vão refugiar-se nas suas antigas covas.

São, na verdade, mui curiosos estes ninhos. Quem os vê, depois de abandonados pelos ratinhos, julgará que tiveram por artifices os mais industriosos passaros. E n'este caso a industria não diz respeito sómente á perfeição do trabalho, mas tambem á escolha do local, pois que bem se póde dizer que é cama feita dentro da despensa.

I. de Vilhena Barbosa.

CARTAS A UMA SENHORA

BREVISSIMA DESCRIPÇÃO DO SYSTEMA SOLAR

(Conclusão. Vid. pag. 27)

Como já tive occasião de dizer a v. exc., foi no principio d'este seculo que a lacuna entre Marte e Jupiter acabou, dês que lá se descobriram os planetoides, Ceres, Pallas, Juno, Vesta, e todos os outros que se lhes seguem, agrupados a distancias que variam entre 21, 99 (Ariane) e 31, 56 (Euphrosyna). Tomando a média entre estas distancias extremas, como se faz nos calculos astronomicos, isto é, sommando as duas distancias e dividindo por 2, temos o numero 26, 7755 (média das distancias dos planetoides ao Sol) proximo de 28, e d'este modo a lei de Bode verifica-se ainda. O planeta Neptuno, porém, que é o maior e o que veiu em ultimo logar em relação á epocha do descobrimento, está a uma distancia (300) que se afasta muito sensivelmente do numero de Bode (392).

Esta lei, tão simples e tão maravilhosa, não póde, portanto, ser considerada senão como traducção aproximada de factos naturaes, cuja ligação verdadeira não sabemos descortinar.

E quem sabe se ulteriores descobrimentos não derramarão repentina luz n'este ponto tão obscuro da sciencia?

Eu mal comprehendo esta disposição mathematica dos corpos do systema planetario. Se a lei de Bode póde fascinar ainda hoje alguns espiritos, parece-me que a physica não a justifica, nem jámais poderá justifical-a. Não conjecturemos tanto dos nossos esforços. A investigação humana tem limites.

V

Acabará aqui o systema planetario? A influencia do Sol não irá mais longe nos terminos arredados da amplidão? Além d'estes planetas, e dos cometas [1] que levam milhares de annos para descrever as suas orbitas, não haverá mais nenhum corpo?

A potencia inicial da nebulosa primitiva acabaria aqui? A materia cosmica, que se desentranhou em planetas, não poderia arrojar no espaço mais nenhum filho? Pararam em tão pouco os giganteos esforços da natureza?

A philosophia affirma o contrario. Para além de Neptuno dilata-se o espaço, que não póde estar vasio. E entre este astro e o derradeiro limite da esphera activa do Sol, ou antes, para fallar mais correctamente, entre Neptuno e a primeira estrella ha uma distancia egual a oito vezes á que separa este planeta do Sol. Dilata-se ahi vastissimo ambito, aonde outros corpos, certamente mais agigantados, descrevem as suas orbitas afastadas. A liça é immensa. Não faltarão lá campeadores cosmicos que a encham e povoem.

Qual a força que mantem estes mundos nas suas orbitas, sem que haja choques e catastrophes? Qual a acção immensa que obriga os planetas a encerrarem-se em certos e determinados limites de espaço e tempo? É a attracção. Sabe v. exc. o que é a attracção? Por divertimento ou desfastio, desfolhe uma rosa e lance as pétalas ao vento. Deixe-as revolutear á vontade, que por fim hão de cair na terra. Pois a attracção é isto. É a propriedade que tem os corpos de se attrahirem mutuamente, segundo as massas e na razão inversa das distancias. Diz-se que a ausencia mata o amor; pois na natureza a distancia enfraquece a attracção dos corpos.

Todos os corpos se attrahem irremediavel e fatalmente. A attracção é uma faculdade sympathica que reside na materia; mas por isso que esta faculdade depende da massa, se esta differir muito entre os dois corpos, a acção do mais pequeno sobre o maior é imperceptivel, é nulla. Assim aconteceu com as pétalas da rosa, cuja influencia attractiva sobre a Terra é infinitamente pequena. Assim acontece com todos os corpos que existem na superficie terrestre, os quaes estão sujeitos á acção attractiva do nosso globo. Se algum esforço estranho os levantar, logo que esse esforço cessar, caem na terra. D'aqui, o *peso* ou *gravidade*, que é a tendencia dos corpos a caírem na terra.

Pois a attracção é a gravidade applicada ao cosmos. Todos os planetas tendem para o Sol, assim como o Sol tende para todos os planetas.

Mas como a massa d'aquelle é muito maior do que a massa reunida d'estes, e como as acções mutuas se annullam em grande parte, segue-se que só os planetas se movem, e o Sol fica fixo e immovel.

Dirá, porém, v. exc. que d'este modo os planetas iriam caíndo no Sol, e seria certo que a estas horas estavamos todos queimados no grande brazeiro.

Veiu v. exc. complicar o problema. Tem muita razão no que diz. Sabe como Newton se forrou á difficuldade? Imaginou uma velocidade inicial, uma impulsão do Creador, a qual, combinando-se com a attracção, produz o movimento elliptico dos planetas, conforme demonstra a mecanica.

Lamartine disse um dia [1]:

Lorsque du Créateur la parole féconde
Dans un instant fatal eut enfanté le monde
Des germes du cahos,
De son œuvre imparfaite il detourna sa face,
Et, d'un pied dédaigneux, la lançant dans l'espace,
Rentra dans le repos.

Tudo caminhava na paz octaviana. A propria poesia, por intermedio de um grande poeta, acolhia a theoria de Newton, e o sceptico Laplace, *se não carecia da hypothese de Deus*, acceitava-a implicitamente.

Vieram, porém, agora uns philosophos que começaram a negar o impulso do Creador, o tal *coup de pied dédaigneux*, e tem feito grande celeuma. Para socego da sua consciencia, e porque a philosophia ainda não disse a ultima palavra, siga v. exc. a theoria de Newton, que com isso não lhe acontece mal. É medida de precaução, e n'estas questões, as senhoras principalmente, devem antes peccar por excesso de fé. — De v. exc. etc.

A. Osorio de Vasconcellos.

[1] Vid. as minhas precedentes cartas ácerca dos cometas.

[1] Lamartine, *Méditations poétiques: Le désespoir.*

DO THEATRO

O apparecimento do theatro, em qualquer nação, suppõe sempre um estado de amadurecimento litterario. O theatro, na sua origem remota, devia, portanto, manifestar-se como prosecução, como consequencia legitima de uma grande evolução intellectual. Os povos entram na vida litteraria adoptando a fórma mais simples, mais espontanea, e ao mesmo tempo a mais synthetica da arte. Os primeiros vagidos da poesia são lyricos; o sentimento, exaltado ou sombrio, quando trasborda do coração n'um grito, encontra necessariamente a ode. A poesia, absorvida immediatamente pela idéa de Deus, pelo culto, traduz-se no hymno, no cantico ou no dithyrambo. O poeta torna-se então oraculo, sacerdote ou adivinho. Temos Moysés no Oreb, temos as Anthesterias na Grecia, temos os Eddas, temos, em fim, as ladainhas christãs. Saídos os povos da juvenilidade, amortecidos na crença, entrados na edade heroica, attrahidos pelo mundo que os fascina com as suas luctas, o poeta commemora os semi-deuses e os grandes feitos humanos. A poesia perde gradualmente a sua feição theocratica, esquece o mysticismo religioso, alarga os horisontes, respira a pulmões cheios, a consciencia da força dá-lhe a audacia, caminha, e põe-se em frente da grande actividade popular. Desde esse momento fez-se épica; a ode transfigurou-se em epopéa. A cada abalo social responde um canto d'essa nova fórma magestosa e solemne; ás catastrophes de Argolida responde Homero; ás agitações feudaes, os poemas de cavallaria; ao remoçamento do mundo pelas raças barbaras do Norte, os Nibelungen; ao seculo XVI, Camões e os *Lusiadas*. A proporção que as sociedades se adiantam na vida, a epopéa vae cedendo logar a outra manifestação mais complexa e menos ficticia. Os sonhos encarnam-se, a sombra do heroe que até alli se estampava na immensa téla da epopéa, resalta e faz-se homem. Os sentidos querem ter seu quinhão na grande obra do genio; os deuses movem-se em pleno dia e em face da multidão que os contempla. É por isso que nós vemos ao *Ramayana* seguirem-se os dramas populares da India, á *Illiada*, as tragedias athenienses, ás lendas da edade média os *mysterios*, as *moralidades* e todas as demais composições d'onde saíu o drama moderno.

Considerando o theatro grego como a maior revelação d'esta fórma litteraria, tendo-o como o grande modêlo em que todos os outros foram, de futuro, retemperar-se, vejamos em que tempo principia elle a balbuciar, e quaes as successivas gradações por que passou antes de chegar ao elevado ponto em que o collocou Eschylo.

O theatro, antes de assumir as suas grandes proporções na historia da arte, antes de quebrar as faixas da meninice, antes de entrar no periodo viril da sua existencia, devia ter, como a epopéa, uma quadra de incubação profunda. Nos cantos religiosos da Grecia vemos agitar-se a poesia épica e a dramatica, ainda que confusas e indefinidas. O rhapsodo que nos dithyrambos heroicos solemnisava as aventuras de Baccho, é o esboço do poeta épico; como o côro, marchando ao thymelo, será mais tarde o côro movendo-se no hyposcenio. É, portanto, nos dois grandes cultos primitivos da Grecia, o de Ceres (Demèter) e o de Baccho (Dionysos), que parece a muitos encontrar-se o embryão do theatro grego. O que a principio fôra a ceremonia de um culto, secularisou-se um dia despindo as roupas sacerdotaes. Ceres, encerrada ao diante no seu sanctuario mysterioso, deixou a Baccho as solemnidades publicas, reservando só para os iniciados a celebração do seu culto. Todos sabem que as festas em honra do deus dos vinhedos terminavam pelo sacrificio de um bode, animal que lhe era consagrado. O dithyrambo do dia tomava então o nome de *tragedia*, que em sua significação restrictamente etymologica não quer dizer senão *canto do bode*.

Vem a pello citarmos o que o Dante disse a *Can Grande* sobre o titulo e o estilo do seu poema. Tem este trecho o merito de explanar o assumpto de que tratâmos, e, além d'isso, o de ser obra de engenho. — *Il titolo dell' opera è questo: — Comminicia la Commedia di Dante Alighieri, fiorentino per nascita, non per costumi. — A notizia della qual cosa fa d'uopo sapere che Commedia dicese da Kòmè (villa), e da òdè (canto), laonde Commedia quasi canto villereccio... Da ciò appunto è detta Tragedia, cio è da tràgos (capro) e da òdè (canto), quasi canto caprino.*

Parece, pois, evidente que o theatro grego sae das dionysiacas, e que é n'essas festas religiosas que o devemos filiar, antes de chegarmos á scena de Thespis. No decurso do tempo o dithyrambo passou por modificações e ampliações diversas. A versificação acompanhou o movimento progressivo. Em Aristoteles encontra-se a marcha do theatro em toda a sua luz. Saibamos só, para não nos perdermos em pontos de erudição ventosa, que a scena grega, elevada pouco a pouco pelos talentos peregrinos de Phrynicos, de Chérilos e do dorio Pratinas, chega á magestade assombrosa que lhe imprimiu o poeta dos *Chæphoros*, magestade que ao depois se entibiára nas mãos pouco robustas de Euripedes. É sobre os hombros titanicos de Eschylo que o theatro repoisa, como o ceo sobre os hombros de Atlante. Athenas chamou-lhe o *pae da tragedia*, e a posteridade, o primeiro na hierarchia do talento. Cortado, espedaçado, deformado, conhecido pelos fragmentos de uma obra gigantéa, a critica recompoz o tragico por uma das suas trilogias, como o naturalista pode recompor o masthodonte pelo craneo achado nas escavações. Ao diante fallaremos de Eschylo; por em quanto basta apontal-o como pharol, como marco d'onde se deve partir para qualquer tentativa sobre o theatro, considerado este no seu estado de virilidade completa.

O drama moderno assenta sobre a religião do amor; é em torno d'ella que a acção se agita e se enreda sempre. O drama grego tem por mola unica a religião terrivel do Destino. Moïra, a divindade cega e implacavel, estende sobre elle a sombra do seu vulto. A Grecia, combatida em sua origem pelos homens e pelos elementos, assistindo ás grandes luctas heroicas e ás horrendas conflagrações domesticas, tendo que pôr o peito de continuo á onda que a fustigava, succumbindo por vezes nas lides enormes contra resistencias innumeras, a Grecia creára instinctivamente essa religião desanimadora. Fallar-lhe no Destino era abalal-a profundamente. Por isso os poetas haviam feito d'esta crença o mobil dos seus jogos scenicos. Eschylo travou d'esses dramas informes e converteu-os em verdadeiras tragedias. O dialogo, até alli desconhecido, appareceu de subito, a dicção burlesca que lhe viera dos cantos phallicos desappareceu diante de uma grandeza nova e severa. Athenas acolheu o poeta n'um impeto de enthusiasmo, proclamando-o predestinado de Dionysos. Ha de ser elle quem ao diante derrubará o fatalismo sombrio, quem espedaçará o açoite das sacerdotizas do Destino, quem annunciará no Prometheu o triumpho supremo da justiça sobre a força e sobre a violencia. De toda a altura da philosophia pythagorica, o genio potente de Eschylo rasga o nevoeiro e entrevê o desconhecido. O poeta faz-se vidente; a chamma torna-se raio. Alguns padres da egreja personificam o Christo no mysterioso descendente da deusa Io. Eschylo transmuda-se em propheta. De feito, ha n'elle a rudeza de Isaias e um rugido que similha a tempestade. Quando o sol vem menos ardente doirar esse promontorio es-

carpado, as flores rebentam-lhe em cardumes e exhalam um perfume agreste que embriaga. Gilissa, a ama de Oreste, tem phrases de uma brandura incomparavel.

Digamos agora duas palavras a respeito de um facto sobre que Victor Hugo escreveu no seu *William Shakespeare*. Refiro-me ao incendio de Alexandria.

Como o poeta o assegura, Ptolomeu Evergeto havia mandado pedir a Athenas o unico e sagrado exemplar das obras de Eschylo. Athenas confiou o livro mediante o penhor de quinze talentos. Ptolomeu, desprezando o penhor, guardou para si o livro. No setimo seculo, Omar entrava em Alexandria, e, á similhança de Eróstrato, incendiava um templo. É assim que devemos appellidar a bibliotheca de Ptolomeu dês que n'ella entrára o deus Eschylo. Seis mezes se aquentaram quatro mil banhos com as labaredas d'essa fogueira. Quando ella se extinguiu para sempre, noventa tragedias eschylianas jaziam n'essa montanha de cinzas. Eis o que Victor Hugo nos conta com toda a pompa do seu estilo fastoso.

Perguntemos nós agora, sem que queiramos fazer da nossa aparada critica baluarte defensor da memoria do califa — não teria alguem antes de Omar perdido e arrasado esses monumentos sublimes? não teriam os autos de fé sanccionados pelo abbade Marcello expungido as livrarias d'aquelles pagãos monstruosos? não haveria n'ellas apenas os sermonarios e as homilias? quem sabe se algum frade piedoso teria já raspado a *Apotheose de Orpheu* para n'ella escrever uma oração de beata? As proprias palavras de Omar tornam estas presumpções mais vehementes: «Se esses livros contém blasphemias, queimae-os; se contém verdades, temol-as no Alcorão, queimae-os ainda!» Aqui sente-se apenas o fanatismo religioso; vemos que o califa tinha aquella protuberancia inquisitorial que caracterisa os intolerantes de todas as religiões do mundo. A verdade, seja qual for a causa, a horrenda verdade, é que o desterrado de Géla não pôde legar ao tempo, incolume e completa, a sua obra portentosa. Conhecemol-a a pedaços; tanto nos basta. Eschylo quer dizer o theatro em toda a sua magestade soberba!

Oh! o theatro — o grande fogo a que a humanidade se anima! Deixae-o brilhar, esclarecer, allumiar, diffundir-se em clarões beneficos, amadurecer as searas que verdejam, prolificar os baldios, desabotoar as flores por entre os fraguedos humanos; ou então pizae-o, conspurcae-o, escarnecei-o, tomae-o como distracção de algumas horas, negae a luz, negae a divindade se quizerdes; embora! O theatro radia sempre e fecunda. É como o incenso arremessado ao brasido; vinga-se em derramar perfumes.

Quem póde contestar a influencia do theatro na educação dos povos? O que elle tem feito, o que elle significa, perguntae-o á Grecia antiga, perguntae-o ás sociedades modernas. Lá, a palavra incandescente do guerreiro de Marathona e Salamina, atirada ás multidões que resvalavam á beira de uma democracia ruinosa, inflamma os espiritos e incute-lhes aspirações de liberdade; aqui, pondo em relêvo os mais bellos affectos, contrapondo o bem ao mal, o anjo ao demonio, a escuridão á aurora, aponta para o futuro e encaminha os homens. No apostolado da arte é elle o mestre divino; evangelisa as turbas face a face, estende-lhes a mão, está com ellas, é patente, é visivel, não se occulta, não se nega, não trepida. Quando o povo clama pelo poeta como os centurios pelo Christo, o poeta apparece e responde-lhe: «Sou eu!» É esta communicação directa, esta vida intima, este achegamento da plebe ao inspirado que faz do drama a maior potencia da arte. Ler Eschylo é bom; vêl-o representar melhor sería ainda. Quando a idéa toma corpo, quando vemos mover-se e agitar-se na scena o verbo inflammado, sentimos um estremecimento mais forte, um abalo mais violento, uma commoção mais profunda. Por isso as crianças desmaiavam nas *Eumenides*, e os guerreiros embraçavam os escudos ouvindo as lamentações dos persas; por isso o poeta dramatico tem sobre todos os outros uma responsabilidade infinita.

Homero não sería talvez familiar a todos os gregos, as Panathenéas eram o unico theatro que Pisistrato lhe destinára; Milton póde ser um desconhecido para muitos da Inglaterra; mas Eschylo dominava todos, subjugava todos, reinava em toda a Grecia, alentando o fogo sagrado do patriotismo hellenico; mas Shakespeare, entrado na gloria, vive, enthusiasma, derruba como no tempo de Isabel, e em seus banquetes esplendidos a mob vem sentar-se ao lado da aristocracia. Estes são os dois vultos eminentes que symbolisam a maxima altura a que podem chegar os gigantes; são os dois vastos abysmos d'onde refluem todos esses mares que se chamam Alfieri, Corneille, Voltaire e Calderon.

O theatro é o templo aberto a todos os crentes; não ha para elle fidalguias nem baixezas. A multidão precipita-se e escuta. Metade dos que applaudem um drama não sabem que existe litteratura, como metade dos que ouvem o sermão da parochia não conhecem o Evangelho. A scena é o pulpito da arte, como o pulpito é o *logéion* da religião. Esta popularidade é a sua grandeza. Dito isto, fallemos dos seus dois genios; Eschylo no passado e Shakespeare no presente.

Victor Hugo, n'uma das suas ultimas obras, allumiou do alto, como sol, estes nomes incommensuraveis. Nas suas paginas ha o deslumbramento. Sem descer ao exame parcial e detido, para d'elle se elevar depois a uma synthese completa, o titão de Guernesey abraça n'um relancear todos os horisontes, e entôa o canto da immortalidade.

A nossa idéa, escusado é dizel-o, circunscreve-se em um terreno humilde. Compendiado o que parece estar assente pela critica sobre as origens do theatro, indicâmos a sua influencia na civilisação. Eschylo é entre nós bastante desconhecido para que não valha a pena exhumal-o; Shakespeare corre egual destino. Mostrar de vez em quando uma perola d'estes thesouros abundantes é, pelo menos, provocar o desejo, é suscitar o appetite. Não ha muito ainda que fallando eu da *Orestia* a pessoa a quem não falta intelligencia, me responderam por sobre o hombro: «É um livro velho, não serve já para estes tempos.» Minutos depois discutia-se *La maison de Penarvan*, e o portal da mansão dos genios resoava ás aldravadas dos enthusiastas, que pediam em côro um logar para Jules Sandeau. Quanto a Scribe, era ponto de fé que já lá estava sentado sobre as suas mil e uma comedias, e olhando piedosamente para aquelle chocarreiro Molière, a quem por muito, e mais que muito, favor concederam entrada.

(Continúa) E. A. VIDAL.

OS GRANDES HOMENS, PEQUENOS

O padre Manuel Bernardes, referindo-se aos grandes homens, pequenos, diz que a natureza desfavorece com breve estatura a muitos varões illustres em sabedoria, dignidade e santidade; e cita, para exemplo, entre outros, S. Paulo, que, sobreeminente ás estrellas por suas virtudes, fôra pequenino de corpo; S. Chrysostomo, que, não obstante olhar sobranceiro os imperadores, tambem era pequeno e nada gentilhomem; S. Gregorio Nazianzeno, que era peior que pequeno; e Santo Antonino, arcebispo de Florença, que por sua pequenez lhe chamaram assim, diminuindo o nome proprio de Antonio.